

RESENHA DO LIVRO "O PARADIGMA EMERGENTE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA"

REVIEW OF THE BOOK "THE EMERGING PARADIGM AND THE PEDAGOGICAL PRACTICE"

Suelen Rita Andrade Machado [sumachado18@gmail.com]

Maiara Cristina de Carvalho [maiarautfpr@gmail.com]

Polonia Altoé Fusinato [altoepoly@gmail.com]

Universidade Estadual de Maringá -UEM

RESUMO

A presente resenha apresenta o livro 'O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica', de autoria de Marilda Aparecida Behrens. O livro apresenta um estudo indicando como os paradigmas da Ciência influenciariam a prática pedagógica, descrevendo a característica de cada paradigma apresentado no decorrer do livro. Ao discorrer sobre os paradigmas que surgiram no decorrer da História da Ciência, a autora apresenta um novo paradigma emergente, que preconiza a produção do conhecimento e a superação da fragmentação, num processo que recobre a emoção e a intuição, aliada à razão da inter-relação entre a busca do conhecimento professor e aluno, no qual propõe-se uma metodologia para o processo de aprender a aprender. Neste sentido, o livro é um convite oportuno para uma reflexão acerca de nosso papel enquanto professores/mediadores e nossa prática pedagógica enraizada pelo tradicionalismo movido como mercadoria pela lógica do capital e pelas políticas educacionais, que clama por ruptura paradigmática, para que, com isso, o conhecimento se torne relevante e significativo na formação de alunos.

PALAVRAS-CHAVE: o paradigma emergente; a prática pedagógica; paradigmas da ciência.

ABSTRACT

This review presents the book 'The Emerging Paradigm and Pedagogical Practice', by Marilda Aparecida Behrens. The book presents a study indicating how the paradigms of Science influence the pedagogical practice, describing the characteristic of each paradigm presented throughout the book. In discussing the paradigms that emerged in the course of Science History, the author presents a new emerging paradigm, which advocates the production of knowledge and the overcoming of fragmentation, in a process that recovers emotion and intuition, allied to the interrelation between the search for teacher and student knowledge, in which a methodology is proposed for the process of learning to learn. In this sense, the book is an opportune invitation to a reflection about our role as teachers/mediators and our pedagogical practice rooted in the traditionalism moved as a commodity by the logic of capitalism and educational policies, which calls for paradigmatic rupture, so that knowledge becomes relevant and meaningful in all students formation.

KEYWORDS: the emerging paradigm; pedagogical practice; paradigms of science.

INTRODUÇÃO

A ruptura de paradigmas é um processo resultante de diversos fatores, sobretudo o espaço temporal e circunstâncias sociais que levam a renovação e emergência de novas práticas, especialmente no que se relaciona a aspectos educacionais.

O livro resenhado neste escrito teve sua primeira edição publicada no ano de 1999, e até a contemporaneidade conta com um total de seis edições, sendo a última do ano de 2013. É dividido em cinco capítulos que tratam os paradigmas da ciência a partir das seguintes temáticas: Paradigmas da Ciência; Paradigmas Conservadores; Paradigmas Inovadores; Prática Pedagógica no Paradigma Emergente e, finalmente, Desafios para uma prática pedagógica emergente.

Sua autora, Marilda Aparecida Behrens, é graduada em Pedagogia - Orientação Educacional pela Universidade Federal do Paraná (1973), graduada em Pedagogia - Supervisão Escolar pela Universidade Federal do Paraná (1977); mestre em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1991); doutora em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e Pós-Doutora pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – Portugal.

No primeiro capítulo, denominado *Os Paradigmas da ciência: a influência na sociedade e na educação*, a autora aponta que um dos grandes acontecimentos do século XX foi o despertar da sociedade para a consciência da importância da educação. Isso porque pensar em educação implica na reflexão sobre os paradigmas vigentes que caracterizaram o século XX. A autora descreve que o século XXI manteve tendências do século XX, tais como a forte influência do método cartesiano, que tem a característica de afastar a mente da matéria, numa divisão de conhecimentos das áreas em busca de uma maior eficácia.

No segundo capítulo, intitulado *Paradigmas conservadores: a reprodução do conhecimento*, ela descreve como a tentativa de superação do pensamento newtoniano-cartesiano, a evolução da Ciência e a abordagem sistêmica, principalmente relacionada aos avanços desenvolvidos pelos cientistas, podem gerar um repensar na sociedade e na educação. Assim, discorre que os velhos modelos da educação tendem a ser temporários, visto que a sociedade passou por profundas mudanças nas últimas décadas. Além disso, afirma que, historicamente, os paradigmas na educação são conservadores ou inovadores, dependendo de como se relacionam às abordagens Escolanovista e a Tecnicista.

Já no terceiro capítulo, denominado *Os paradigmas inovadores: A produção do conhecimento*, Behrens (2013) afirma que novos paradigmas corroboram para a criação de novas abordagens enquanto prática pedagógica de sala de aula. Segundo ela, para repensar o pensamento newtoniano-cartesiano (mecanicista, reducionista ou atomístico) e a reprodução do conhecimento é necessário repensar a prática de formação de professores nas universidades. Capra (1996), apud Behrens (2013), afirma que o novo paradigma é um todo integrado e não fragmentado, nomeado como ecológico (holística, orgânica ou ecológica) no sentido mais amplo, tendo sido alvo de estudos de educadores críticos. Este sistema de teorias de inter-relacionamento é nomeado de abordagem sistêmica.

Conforme Behrens (2013), no final do século XX, concomitante à produção do conhecimento da época, apareceram outras denominações para o paradigma inovador, apresentadas por diferentes autores, tais como: *Holístico*, para Cardoso (1995); *Sistêmico*, para Prigogine (1986) e Capra (1996); e *Paradigma Emergente*, para Moraes (1997), Boaventura Santos (1989) e Pimentel (1993). Todos com a mesma visão acerca da superação da reprodução e fragmentação do conhecimento, com vistas à produção de conhecimento.

Neste sentido, a autora caracteriza o ensino e a aprendizagem no paradigma inovador no contexto da produção de conhecimento, visto que o eixo orientador é a superação da separação, fragmentação e reprodução do conhecimento, na qual raciocínio e sentimentos do ser devem ser levados em consideração. Nessa perspectiva, o homem participa da construção de conhecimento e exige-se o envolvimento do aluno, a fim de valorizar a reflexão, a ação e a curiosidade dos sujeitos. Dirige-se, assim, a ação pedagógica em que o professor deve propor ações planejadas e organizadas para desmistificar o aluno passivo e torná-lo produtor do seu conhecimento. Assim, a aliança/teia proposta pela visão sistêmica ou holística (busca superar a fragmentação do conhecimento e recuperar a humanização), a abordagem progressista (pressupõe a transformação social e o diálogo para a mudança) e o ensino com pesquisa (suscita a superação da reprodução do conhecimento para a produção do conhecimento via autonomia) viabilizam a prática pedagógica no paradigma emergente pela tecnologia inovadora. Este encadeamento de teias, segundo a autora, revela tendências e referenciais que formam um todo, corroborando na prática pedagógica.

No quarto capítulo, denominado *A Prática Pedagógica no Paradigma Emergente*, Behrens (2013) prescreve um novo paradigma para o ensino e a aprendizagem que é a união entre as abordagens sistêmica, progressista e o ensino com pesquisa. A ideia surgiu com o objetivo de propor uma nova prática pedagógica para suprir as necessidades da sociedade do conhecimento. Para isso, a autora propôs aos estudantes do mestrado de Educação da PUC/PR a busca por esta proposta inovadora, além de encorajar estudantes e professores universitários a criarem projetos pedagógicos para o surgimento destas propostas inovadoras ou transformadoras. Assim, surgiram dissertações significativas em busca deste paradigma inovador. Além disso, uma tese foi desenvolvida: *A prática pedagógica dos professores universitários: perspectivas e desafios frente ao novo século*. A pesquisa realizada teve continuidade, após a escrita da tese, por meio das disciplinas de mestrado denominadas de Paradigmas contemporâneos na educação superior e Processos pedagógicos na educação superior. Essas disciplinas fizeram aguçar a curiosidade dos mestrandos sobre o estudo destes paradigmas, bem como a escrita de projetos pedagógicos, conforme Behrens (2013).

Behrens (2013) apresenta ainda aspectos a serem considerados na construção de projetos metodológicos do professor para que se tenha uma prática inovadora em um paradigma emergente, então aponta sete fases para que isso aconteça: a primeira fase consiste no professor buscar a contextualização e a problematização do tema abordado, e apresentar isso ao aluno; na segunda fase, o professor pode apresentar aos alunos, por meio de uma exposição teórica dialogada, os conteúdos a serem contemplados no projeto metodológico, com o objetivo de provocar os estudantes para a realização de pesquisas individuais; a terceira fase é desencadeada pela pesquisa individual realizada pelos alunos, na qual o professor deve agir como articulador do processo, e os alunos, neste momento, podem socializar os conhecimentos com seus colegas; na quarta fase, após as pesquisas realizadas, os estudantes devem elaborar um texto individual, podendo fazer uso de tudo o que foi pesquisado e socializado entre os colegas, para compor um texto bem articulado com as categorias propostas pelo professor - caso isso não ocorra, o aluno precisa recebê-lo novamente para realizar os ajustes; a quinta fase é a de discussão e crítica, na qual os estudantes expõem seus textos individuais e realizam em grupo uma discussão crítica; a sexta fase é a produção de um texto coletivo, fase em que a autora recomenda a realização de grupos para que seja realizada a escrita de um texto, que deve ser crítico e de qualidade; e, por último, a sétima fase, que fundamenta-se na produção final e coroamento do projeto pedagógico, momento em que os alunos escolhem uma produção inovadora dentre exposições didáticas em sala de aula e montagem de painéis, dentre outras possibilidades, com objetivo de mostrar o conhecimento obtido durante o processo (BEHRENS, 2013).

Para Behrens (2013), este processo não é trivial, visto que é necessário que o professor tenha conhecimento dos referenciais teóricos e práticos do paradigma emergente e realize uma aliança metodológica entre a visão sistêmica, a abordagem progressista e o ensino como pesquisa. Deve, ainda, apropriar-se da tecnologia inovadora como instrumento para desenvolvimento do projeto metodológico em sala de aula. Para a autora, os resultados em relação a sua vivência com este tipo de projeto apontam que os alunos se entusiasmam e se envolvem mais no processo. Como consequência, rompem com a mera reprodução de conhecimento, possibilitando construções individuais de conhecimentos mais significativos, desafiadores e criativos.

Por fim, no quinto capítulo, intitulado *Desafios para uma prática pedagógica emergente*, Behrens (2013) revela que, por meio do novo paradigma emergente, propõe-se uma metodologia do aprender a aprender. Nessa perspectiva, o professor passa a ser articulador e orquestrador do processo pedagógico, propondo parceria aos alunos, provocando visões que ultrapassem a uniformidade e suscitem inter-relacionamentos que conduzam a aprendizagens mais significativas em um processo de aprender a aprender para a vida.

A proposta descrita pela autora, de um projeto metodológico que prescreve ao professor uma prática inovadora, aponta fases que podem ser fascinantes ao se trabalhar em sala de aula. Entretanto, é importante que se tenha conhecimento sobre os paradigmas anteriores percorridos pela autora. Atualmente, um ponto chave ao se realizar uma atividade em sala de aula é o trabalho em grupo, visto que os alunos se mostram mais motivados para trabalharem coletivamente e utilizando recursos tecnológicos para realizar seus estudos ou realizar trabalhos em forma de teatro ou música, entre outros, dos quais Behrens (2013) pontuou na sétima fase apresentada.

Estes recursos, ao serem trabalhados em sala de aula, corroboram para que os alunos saiam da zona de conforto e sejam mais ativos. Por isso, entendemos que todas as fases propostas pelo projeto apresentado pela autora consistem em processos graduais para inserção nas escolas, favorecendo a criticidade dos alunos. Acreditamos, também, que com pequenas atitudes de deslocamento de sua zona confortável, o professor conseguirá realizar atividades diferenciadas que visem propiciar motivações aos estudantes, para que estes busquem seu próprio conhecimento.

O estudo desta obra leva-nos a refletir sobre nosso papel enquanto professores/mediadores que se encontram no cerne da prática pedagógica, enraizada pelo tradicionalismo e movida como mercadoria pela lógica do capital e das políticas educacionais. Behrens (2013), ao elencar o novo paradigma emergente, desmistifica ideias impregnadas no mecanicismo, nas técnicas, na razão que despreza o homem e não define para que serve o conhecimento. A formação e a intelectualidade não podem se contrapor, visto que se entrelaçam, mas não se fortalecem se o sujeito não as constrói a partir da reflexão holística do mundo em sua totalidade, da história e do uso da tecnologia como fonte para o desenvolvimento do pensamento coletivo.

Em contrapartida, colocar em prática o novo paradigma não é trivial e nem exponencial. Primeiramente, porque ele deve alcançar os agentes da educação, como professores e gestores, para que estes o conheçam, possam inserir, caracterizar e reconstruir suas práticas mediante essa nova abordagem que se consolida na coletividade e no bem comum. Essa abordagem utiliza o que a sociedade contempla de melhor em todas as esferas e que é deixado do lado de fora dos muros da realidade escolar, quando esta realidade insiste em apregoar o discurso do conservadorismo, limitar a curiosidade do alunado e se sobrepor como autonomia de lugar único na educação, o que certamente não possibilita a construção da autonomia, da reflexão e da criticidade tanto do professorado quanto do alunado.

Para finalizar essa reflexão, lançamos algumas inquietações para reflexão. Por que uma abordagem tão enriquecedora não consegue atingir e quebrar velhos paradigmas dominantes? Seria a velha abordagem ancorada e subsidiada pelo capital? Como pensar em um novo paradigma emergente, que considere o coletivo, se a sociedade está cada vez mais individualista e autônoma? Como repensar o modo como a curiosidade dos alunos tem sido limitada pela escola?

Estes e outros questionamentos podem surgir após a leitura desta abordagem emergente. Esperamos que aqueles que tenham contato com este escrito não se limitem a ele, mas que busquem a leitura e análise do livro tratado nesta resenha de modo a superar o que a sociedade nos coloca como estancado.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 120p.



Revista
Ciências & Ideias